

PREFÁCIO

Em criança, uma das coisas que eu mais prezava entre as minhas posses era um grande mapa do mundo. Estava colado na parede junto à minha cama, e todas as noites, antes de adormecer, ficava a observá-lo. Não levei muito tempo a memorizar os nomes e localizações de todos os países, anotando as suas capitais, bem como os oceanos, os mares e os rios que desaguavam neles; os nomes das grandes cadeias montanhosas e desertos, escritos com itálicos urgentes, prometiam perigo e aventura.

Ao chegar a adolescente, senti um certo desconforto com o foco implacavelmente restrito das minhas aulas na escola, que se concentravam apenas na Europa ocidental e nos EUA, deixando grande parte do mundo intocada. Aprendíamos sobre os Romanos na Grã-Bretanha; sobre a conquista normanda de 1066; sobre Henrique VIII e os Tudor; a Guerra da Independência americana; a industrialização vitoriana; a batalha do Somme; a ascensão e a queda da Alemanha nazi. Olhava para o meu mapa e vastas regiões do mundo tinham sido remetidas ao silêncio.

Quando fiz catorze anos, os meus pais ofereceram-me um livro do antropólogo Eric Wolf, que realmente ateou o incêndio. A História mais divulgada e preguiçosa da civilização, escrevia Wolf, diz que «a Grécia antiga gerou Roma, Roma gerou a Europa cristã, a Europa cristã gerou o Renascimento, o Renascimento gerou o Iluminismo, o Iluminismo gerou a democracia política e a revolução industrial. O cruzamento da indústria com a democracia, por sua vez, gerou os Estados Unidos, dando corpo aos direitos à vida, à liberdade e à busca da felicidade».¹ Reconheci de imediato que

esta era a História que me contavam: o mantra do triunfo político, cultural e moral do Ocidente. Mas este relato tinha falhas; havia modos alternativos de olhar para a História – modos que não passavam por olhar para o passado pela perspectiva dos vencedores da História recente.

O livro conquistou-me. Era subitamente óbvio que as regiões que não eram ensinadas se haviam perdido, sufocadas pela história repetitiva da ascensão da Europa. Pedi insistentemente ao meu pai que me levasse a ver o mapa-múndi de Hereford, que punha o foco e o centro em Jerusalém, com Inglaterra e outros países europeus empurrados para um lado, como irrelevâncias. Quando li acerca dos geógrafos árabes, cujas obras eram acompanhadas por mapas que pareciam virados ao contrário e que punham o mar Cáspio no seu centro, fiquei siderado – o mesmo aconteceu quando descobri um importante mapa turco medieval em Istambul que tinha no seu centro uma cidade chamada Blāsāghūn, de que nunca sequer tinha ouvido falar, que não aparecia em nenhum mapa, cuja localização era incerta até recentemente, e que, no entanto, em tempos foi considerada o centro do mundo.²

Queria saber mais sobre a Rússia e a Ásia Central, sobre a Pérsia e a Mesopotâmia. Queria compreender as origens do cristianismo do ponto de vista da Ásia; e queria saber como os Cruzados viam aqueles que viviam nas grandes cidades da Idade Média – Constantinopla, Jerusalém, Bagdade e Cairo, por exemplo; queria aprender sobre os grandes impérios do Oriente, sobre os Mongóis e as suas conquistas; e perceber de que modo duas guerras mundiais eram vistas não da Flandres ou da frente oriental, mas do Afeganistão e da Índia.

Foi assim um extraordinário golpe de sorte ter podido aprender russo na escola, ensinado por Dick Haddon, um homem brilhante que havia trabalhado nos Serviços de Informação da Marinha e que acreditava que a maneira de compreender a língua russa e a *dusha*, ou alma, era através da literatura e da música dos camponeses. Tive ainda mais sorte quando ele se dispôs a dar aulas de árabe a quem estivesse interessado, tendo levado cerca de meia dúzia de alunos a descobrir a cultura e a História islâmicas e fazendo-nos imergir na beleza do árabe clássico. Estas línguas ajudaram a desvendar um mundo à espera de ser descoberto, ou, como depressa me apercebi, à espera de ser redescoberto por nós, ocidentais.

Dá-se hoje muita importância à averiguação do provável impacto do rápido crescimento económico da China, onde se prevê que a procura de artigos de luxo quadruplique na próxima década, ou à consideração da mudança social na Índia, onde mais pessoas têm acesso a um telemóvel do que a uma casa de banho com água corrente.³ Mas nem um factor nem outro providencia a melhor perspectiva para julgar o passado e o presente do mundo. Com efeito, ao longo de milénios, o eixo em torno do qual o globo girava era constituído pela região que está entre Oriente e Ocidente, ligando a Europa ao Oceano Pacífico.

O ponto mediano entre Oriente e Ocidente, que se estende em traços largos das costas orientais do Mediterrâneo ao mar Negro e aos Himalaias, pode parecer uma posição pouco promissora para se ter uma visão do mundo. Esta região alberga hoje Estados que evocam o exótico e o periférico, como o Cazaquistão e o Uzbequistão, o Quirguistão e o Turquemenistão, o Tajiquistão e os países do Cáucaso; é uma região associada a regimes instáveis, violentos e que constituem uma ameaça à segurança internacional, como o Afeganistão, o Irão, o Iraque e a Síria, ou pouco versados nas melhores práticas da democracia, como a Rússia e o Azerbaijão. De um modo geral, parece ser uma região que alberga uma série de Estados falhados ou prestes a falhar, dirigidos por ditadores que vencem com maiorias impossíveis nas eleições nacionais e cujas famílias e amigos controlam grandes negócios, possuem vasta riqueza e detêm poder político. São lugares com poucos méritos quanto a direitos humanos, onde a liberdade de expressão em questões de fé, consciência e sexualidade é limitada e onde os *media* são controlados de maneira a determinar o que sai e não sai na imprensa.⁴

Embora estes países nos possam parecer selvagens, não são lugares estagnados nem baldios obscuros. Com efeito, a ponte entre Oriente e Ocidente constitui a própria encruzilhada da civilização. Longe de estarem à margem dos assuntos globais, estes países estão no seu centro – como têm estado desde os primórdios da História. Foi aqui que a Civilização nasceu e onde muitos acreditaram que a Humanidade foi criada – no Jardim do Éden, «plantado pelo Senhor Deus» com «todas as árvores que são boas para ver e para

comer», amplamente considerado localizar-se nos campos férteis entre o Tigre e o Eufrates.⁵

Foi nesta ponte entre Oriente e Ocidente que grandes metrópoles se estabeleceram cerca de 5000 anos atrás, onde as cidades de Harappa e Mohenjo-daro no Vale do Indo eram tidas como maravilhas do mundo antigo, com populações na ordem das dezenas de milhares e ruas ligadas a um sofisticado sistema de esgotos, que a Europa só viria a ter milénios mais tarde.⁶ Outros grandes centros de civilização, como a Babilónia, Nínive, Uruk e Acádia na Mesopotâmia, eram famosos pela sua grandeza e inovação arquitectónica. Um geógrafo chinês, que escreveu há mais de dois milénios, notou que os habitantes da Bactria, na margem do rio Oxus e agora localizada no Norte do Afeganistão, eram negociantes e mercadores lendários; na capital encontrava-se um mercado onde se comprava e se vendia uma vasta gama de produtos, transportados de todos os pontos do mundo.⁷

Foi nesta região que as grandes religiões do mundo nasceram, onde judaísmo, cristianismo, Islão, budismo e hinduísmo se entrecruzaram. Foi esse o cadinho onde as famílias linguísticas competiram entre si, onde as línguas indo-europeias, semíticas e sino-tibetanas acompanhavam os falantes de altaico, turcomano e caucasiano. Foi aqui que grandes impérios nasceram e caíram, onde os efeitos de disputas entre culturas rivais se sentiam a milhares de quilómetros de distância. Esta posição geográfica abria novas perspectivas do passado e mostrava um mundo profundamente interligado, onde o que acontecia num continente tinha impacto num outro, onde as ondas de choque do que acontecia nas estepes da Ásia Central se sentiam no Norte de África, onde os eventos ocorridos em Bagdade ressoavam na Escandinávia, onde as descobertas nas Américas alteravam os preços dos bens na China e levavam a um aumento da procura nos mercados de cavalos no Norte da Índia.

Estes abalos eram transmitidos por uma rede que se espalhava em todas as direcções, rotas percorridas por peregrinos e guerreiros, nómadas e mercadores, onde se compravam e vendiam bens, onde se trocavam, adaptavam e refinavam ideias. Estas rotas transportavam não só a prosperidade, mas também a morte e a violência, a doença e o desastre. No final do século XIX, o eminente geólogo Ferdinand von Richthofen (tio do ás da aviação da Primeira

Guerra Mundial, o «Barão Vermelho») deu um nome, que perdura até hoje, a esta crescente rede de interligações: *Seidenstraßen* – as Rotas da Seda.⁸

Estas rotas funcionam como o sistema nervoso central do mundo, ligando povos e lugares, mas estão sob a pele, invisíveis a olho nu. Assim como a Anatomia explica o funcionamento do corpo, compreender estas ligações permite-nos perceber o funcionamento do mundo. E, no entanto, apesar da sua importância, esta parte do mundo tem sido esquecida pela historiografia mais divulgada. Em parte, isso deve-se ao que se convencionou chamar «orientalismo» – uma visão estridente e maioritariamente negativa sobre o Oriente como uma região inferior e subdesenvolvida por comparação com o Ocidente, que, por essa razão, não merece um estudo sério.⁹ Mas também se deve ao facto de a narrativa do passado se ter tornado de tal modo dominante que não há nela lugar para uma região que há muito tem sido vista como periférica para a história da ascensão da Europa e da sociedade ocidental.

Hoje, Jalalabad e Herat no Afeganistão, Faluja e Mossul no Iraque ou Homs e Alepo na Síria parecem sinónimos de fundamentalismo religioso e violência sectária. O presente branqueou o passado: longe vão os tempos em que o nome Cabul conjurava imagens de jardins plantados e cuidados pelo grande Bābur, fundador do império Mughal na Índia. O Bagh-i-Wafa («Jardim da Fidelidade») incluía uma piscina rodeada de laranjeiras e romãzeiras e um prado de trevos – de que Bābur tinha grande orgulho: «Esta é a melhor parte do jardim, uma visão belíssima quando as laranjas ganham cor. Em verdade, o jardim tem uma posição admirável!»¹⁰

Do mesmo modo, as impressões modernas sobre o Irão obscureram as glórias da sua História mais distante, quando a Pérsia, sua predecessora, era sinónimo de bom gosto em tudo, da fruta servida ao jantar aos espantosos retratos em miniatura produzidos pelos seus lendários artistas ao papel em que os eruditos escreviam. Uma obra interessantemente ponderada, escrita por Simi Nīshāpūrī, bibliotecário de Mashad no Leste do Irão, por volta de 1400, regista com cuidado pormenor o conselho de um bibliófilo que partilhou a sua paixão. Quem quiser escrever, aconselha ele solenemente, deverá saber que o melhor papel para a caligrafia se produz em Damasco, Bagdade ou Samarcanda. O papel de outros lugares é «regra geral grosseiro, poroso e impermanente». De

lembrar, avisa ele, que convém dar uma aguada prévia ao papel antes de escrever nele com tinta, «porque o branco fere os olhos, e as melhores amostras de caligrafia que têm sido observadas foram todas feitas em papel ligeiramente tintado».¹¹

Lugares cujos nomes já foram praticamente esquecidos em tempos eram dominantes, como Merv, descrita por um geógrafo do século x como «uma cidade deliciosa, fina, elegante, brilhante, extensa e agradável» e «a mãe do mundo»; ou Rayy, não muito longe da moderna Teerão, que a outro escritor da mesma época parecia tão gloriosa que merecia ser considerada «o noivo da Terra» e a «criação mais bela do mundo».¹² Pontuando a extensão da Ásia, estas cidades eram como um fio de pérolas ligando o Pacífico ao Mediterrâneo.

Os centros urbanos instigavam-se mutuamente, e a rivalidade entre governantes e elites dava azo a uma arquitectura cada vez mais ambiciosa e a monumentos espectaculares. Bibliotecas, locais de culto, igrejas e observatórios de grande escala e influência cultural pontuavam a região, ligando Constantinopla a Damasco, Isfahan, Samarcanda, Cabul e Kashgar. Cidades como estas albergavam eruditos brilhantes que levaram mais longe os limites das suas disciplinas. Hoje em dia só nos são familiares meia dúzia de nomes – homens como Ibn Sīnā, mais conhecido como Avicena, al-Bīrūnī e al-Khwārizmī – gigantes nas áreas da Astronomia e da Medicina; mas eram acompanhados por muitos outros. Ao longo de séculos antes da era moderna, os centros intelectuais de excelência do mundo, as Oxfords e Cambridges, as Harvards e Yales, não se situavam na Europa ou no Ocidente, mas em Bagdade, Balkh (ou Bactro), Bucara e Samarcanda.

Havia boas razões para que as culturas, cidades e povos que viviam ao longo das Rotas das Sedas se desenvolvessem e avançassem: quando trocavam ideias e bens, aprendiam e influenciavam-se uns aos outros, incitando a mais avanços na Filosofia, nas Ciências, na língua e na religião. O progresso era essencial, como bem sabia um dos líderes do reino de Zhao no Nordeste da China, no extremo da Ásia, há mais de 2000 anos. «O talento para seguir os costumes do passado», declarou o rei Wu-ling em 307 a. C., «não é suficiente para melhorar o mundo de hoje.»¹³ Os líderes do passado sabiam como era importante acompanhar os tempos.

O curso do progresso, porém, alterou-se no início do período moderno em resultado de duas grandes expedições marítimas levadas a cabo no final do século xv. Em seis anos, na década de 1490, estabeleceram-se os fundamentos de uma vasta disrupção do ritmo de sistemas de trocas havia muito estabelecidos. Primeiro, Cristóvão Colombo atravessou o Atlântico, abrindo caminho a que duas grandes massas continentais até então intocadas se ligassem com a Europa e mais além; depois, escassos anos mais tarde, Vasco da Gama navegou ao longo do cabo mais meridional de África e chegou à Índia, abrindo assim novas rotas marítimas. Estas descobertas mudaram os padrões de interacção e de comércio e concretizaram uma notável mudança no centro de gravidade político e económico do mundo. Subitamente, a Europa abandonava a sua posição de região estagnada e tornava-se o fulcro de um sistema amplo de transportes e comércio: de um só golpe, tornou-se o ponto mediano entre Oriente e Ocidente.

A ascensão da Europa espoletou uma batalha feroz pelo poder – e pelo controlo do passado. À medida que os rivais se confrontavam, a História era reformulada de maneira a sublinhar os eventos, temas e ideias que pudessem ser usados nas lutas ideológicas que grassavam a par das disputas pelos recursos e pelo domínio das rotas marítimas. Esculpiram-se bustos dos principais políticos e generais usando togas, por forma a parecerem-se com os heróis romanos do passado; construíram-se novos edifícios magníficos num estilo clássico grandioso que se apropriavam das glórias do mundo antigo como sendo seus predecessores directos. A História foi deturpada e manipulada para criar uma narrativa insistente, segundo a qual a ascensão do Ocidente era não apenas natural e inevitável mas uma continuação do que viera antes.

Muitas histórias me predisuseram a olhar para o passado do mundo de maneira diferente. Mas uma delas em particular destacou-se. Segundo a mitologia grega, Zeus, pai dos deuses, largou duas águias, uma em cada extremo do mundo, e ordenou-lhes que voassem ao encontro uma da outra. Uma pedra sagrada, o *omphalos* – o umbigo do mundo –, foi colocada no lugar onde as águias se encontraram, para facilitar a comunicação com o divino. Soube

mais tarde que o conceito desta pedra é desde há muito motivo de fascínio para filósofos e psicanalistas.¹⁴

Lembro-me de olhar para o mapa quando ouvi esta história pela primeira vez, perguntando-me onde poderiam as águias ter-se encontrado. Imaginei que elas levantassem voo das costas do Atlântico ocidental e da costa da China no Pacífico e se dirigissem para terra. A posição exacta mudava, dependendo de onde colocava os meus dedos para começar a medir distâncias iguais a partir de oriente e de ocidente. Mas acabava sempre por ir dar algures entre o mar Negro e os Himalaias. Ficava acordado à noite, a contemplar o mapa na parede do meu quarto, a pensar nas águias de Zeus e na história de uma região que nunca era mencionada nos livros que eu lia – e faltava-me um nome.

Não há muito tempo, os Europeus dividiam a Ásia em três regiões – o Próximo Oriente, o Médio Oriente e o Extremo Oriente. No entanto, sempre que ouvia ou lia acerca dos problemas da época, à medida que crescia, parecia-me que o segundo, o Médio Oriente, mudara de significado e mesmo de localização, referindo-se a Israel, Palestina e aos territórios circundantes e ocasionalmente ao Golfo Pérsico. E não conseguia compreender por que razão se insistia na importância do Mediterrâneo como berço da civilização, quando me parecia tão óbvio que a civilização não fora forjada aqui. O verdadeiro cadinho, o «Mediterrâneo» na sua acepção literal – o centro do mundo –, não era um mar que separava a Europa do Norte de África, ficava antes no coração da Ásia.

A minha esperança, ao abrir caminho para novas questões e áreas de investigação, é a de transmitir a outros a audácia de estudar povos e lugares que têm sido ignorados pelos académicos ao longo de gerações. Espero incitar à formulação de novas perguntas sobre o passado, espero que os truísmos sejam desafiados e escrutinados. Acima de tudo, espero inspirar quem leia este livro a olhar para a História de maneira diferente.

Worcester College, Oxford
Abril 2015